

## As relações comunicativas entre Portugal, Brasil e Itália

Barbara Bechelloni<sup>1</sup>

*“Ricercatore” é unno che cerca di scoprire e conoscere ciò che fino a quel momento è poco noto (o almeno dovrebbe)<sup>2</sup> (Asor Rosa, 2004).*

O pesquisador, poderia ser o navegador, o aventureiro da nossa época. Que vai sempre a procura do desconhecido, sempre a procura de alguma coisa de novo, ou de antigo. A minha experiência em Portugal e no Brasil foi, e ainda é, aquela de tentar conhecer aquilo que não está, ou é pouco, conhecido, aproveitando de um outro olhar, o olhar do estrangeiro, de quem está fora, de quem não está totalmente envolvido na realidade estudada.

O desafio do pesquisador é tentar ver aquilo que os outros não vêem mas que está lá. Associações, relações e laços entre pessoas, coisas, eventos, culturas, identidades, etc... Tentar entender o mundo de hoje, imaginar e talvez projetar o mundo de amanhã através da História como longa duração (Braudel, 1980), através das histórias de vida, dos olhares das pessoas, das paisagens, das ações. A minha abordagem procura ser uma visão holística.

Aquilo que leva a pesquisar são as perguntas. Sem perguntas, sem dúvidas, sem o desejar conhecer, não é possível pesquisar. Se há muitas certezas não há motivação do querer conhecer. A pesquisa vai ser prejudicada pelos preconceitos que têm fecundidade nas muitas certezas.

Portanto, é a partir das dúvidas, das perguntas que o meu trabalho surgiu e continua mudando. Algumas destas perguntas vou apresentar aqui para reflexão.

Quais as relações entre estas diferentes identidades? Quais as relações entre portugueses, italianos e brasileiros? Quais os laços comunicativos? As relações comunicativas? O que os portugueses e os italianos trouxeram para o Brasil e os brasileiros? o que os brasileiros trouxeram ou estão trazendo para

Portugal e para Itália? De onde essas relações vieram? Como nasceram e como se desenvolveram ou vão se desenvolver ao longo deste século?

São muitas perguntas, a maioria das quais não têm e nunca vão ter uma resposta fixa. Cada uma destas perguntas leva a muitas outras. Cada uma leva a um conhecimento muito grande que eu não tenho a pretensão de oferecer e a presunção de conhecer na sua complexidade.

A minha viagem começou em Lisboa, no Portugal em 2001. Aí tentei entender como um país tão pouco “conhecido” a nível europeu tinha na realidade uma história, uma cultura e uma identidade tão rica. Um país que só no fim dos anos oitenta, depois da entrada na União Europeia (1986) começou um processo de desenvolvimento que o levou a crescer em dez anos o que, em outros países, levou quarenta anos. Na sua identidade e na sua história estão as raízes de uma modernização rápida e desequilibrada.

Identidades múltiplas e contraditórias. A partir da grande visão do Infante D. Henrique – filho do rei D. João I, e da sua mulher, a rainha D. Filipa de Lancaster, também senhor da Covilhã, terra que nos dá hospedagem nestes dias – que foi um gênio do mar e das descobertas, até a incapacidade, própria de outros, regentes ou políticos, em aproveitar dos mundos descobertos para abrir-se aos *outros*, trazendo folêgo cultural para a população que acabou sendo – só hoje está começando a mudar – sempre muito homogêneo. Portugal sempre foi, apesar da expansão colonial, um país fechado que não soube aproveitar culturalmente e socialmente a posição privilegiada que teve para olhar o mundo. António Barreto, principal investigador do núcleo científico do ISC – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa – escreveu em 1996 dos portugueses:

(...) assimilaram a cultura, a modernidade, as ambições, os comportamentos e as expectativas dos países mais ricos. No entanto, no campo das atividades criativas, na capacidade econômica, na formação técnica, na força competitiva, na criação de riqueza e no talento organizativo, a assimilação é muito mais lenta. (Barreto, 1996).

Ao longo dos séculos, os portugueses iam emigrando principalmente para a África, para os arquipélagos dos Açores, Madeira, Cabo Verde e para Brasil. Eles levavam a própria experiência cultural contribuindo, nesses outros países, ao *encontro entre-culturas* e à construção de novas identidades híbridas.

É no fim da década dos setenta, através dos *fluxos* mediais, que Portugal “descobriu” o mundo e uma outra vez o Brasil. Abriu-se aos *contrafluxos* ou *fluxos de volta, de retorno*, culturais através dos meios de comunicação, através do rádio, da imprensa, mas sobretudo através da televisão. Os portugueses começam a encontrar o *outro* – além do movimento físico no espaço geográfico – pelas viagens indiretas e pelas práticas simbólicas e imaginárias na difusão das mídias.

As narrativas começaram a viajar (Buonanno, 2003). *Gabriela* foi a primeira telenovela brasileira baseada no livro de Jorge Amado *Gabriela, cravo e canela*, que “viageou”. Apareceu na televisão portuguesa em 1977, patrocinada pela TV Globo, acompanhada por um espetáculo de MPB (Música Popular Brasileira) emcabeçado por Víncius de Moraes.

Começou um novo tipo de experiências de deslocamento, viagem sem partida, migrações sem abandono do lugar de origem (Moore, 2000), viagens culturais (Clifford, 1997).

Aqui está uma das primeiras etapas da minha viagem que continua agora no Brasil pelas trilhas lusofonas e “italicas”. É no Brasil que Portugal e Itália encontram-se criando novas comunidades, novas culturas, novas identidades.

Para quem quer conhecer o Brasil eu sugiro ir a São Paulo pelo menos uma vez. Dar uma volta de carro, de ônibus e a pé.

Três diferentes formas de vê-la e conhecê-la. São Paulo é uma cidade para ser vivida e não só olhada.

Na Europa, infelizmente, na Itália sobretudo, é comum identificar o Brasil só com a cidade do Rio de Janeiro – aliás, Rio – como um ícone do sexo, da transgressão, das mulheres, da praia, do sol e dos meninos de rua. Algumas pessoas nem conhecem a existência dessa gigantesca megalópole que é São Paulo, de muitos milhões de habitantes, a terceira cidade maior do mundo – segundo as estatísticas oficiais só a cidade têm 18 milhões de pessoas, mas considerando a Grande São Paulo alcança os 24 milhões.

Quando cheguei em São Paulo não acreditava nas quantidade de ícones que via e que lembravam a Itália. Vi letreiros em lojas, em restaurantes com nomes italianos, bandeiras, que na Itália raramente vocês vêem. É só entrar em um táxi, começar a falar com o motorista para descobrir que o sobrenome dele é italiano e que a sua avó ou seu avô ou bisavó/bisavô veio da Itália, talvez casada/casado com um português...

Mas nestes meses de pesquisa fui também viajar em outras cidades e até em pequenos “cantinhos” do Brasil, aí também encontrei (vi nos meus olhos) signos, símbolos de italianidade ou melhor de contaminação de italianidade.

Mas quem são portanto os imigrantes? Muitos estudos foram feitos, a maioria olhando para um povo que fugiu da fome, da miséria ou da guerra. Trabalhos de números e histórias, passaporte e malas de papelão. Poucos desses trabalhos – pelo menos que encontrei até agora – tentaram utilizar as ferramentas das ciências sociais, da “culturologia” aliada a história. Entender o papel que tiveram na construção da moderna identidade brasileira. Nas mudanças, no desenvolvimento de algumas regiões, estados e cidades, em particular da metrópole paulista. Como contribuíram? Ou que levaram na viagem, além das malas de papelão, do macarrão, da pizza e da esperança? Alguns estudos procuraram descobrir o conteúdo físico das malas, a história política da Itália que estavam deixando, as razões mais evidente, mais simples. Mas, pouco se estudou as influências culturais, como a cultura

“itálica”, se integrou com os brasileiros e com a cidade. Por que os italianos tiveram tanta facilidade em se misturar, se abrindo ao *outro*? Como eles foram importantes para o desenvolvimento, para o processo de urbanização e modernização de São Paulo, do Rio Grande do Sul, como de outras áreas?

Os italianos pertencem – também aqueles que vieram para o Brasil – a diferentes “itálias” caracterizadas prevalentemente por etnias, geografias e histórias diferentes, mas também para a cultura do trabalho com uma extensa configuração: marinheiros, pescadores, *mezzadro* (latifundiários) e assalariados, *pastori* e camponeses comerciantes e artesãos.

Um elemento importante, que a longa e intensa história da península itálica constituiu em todos os italianos, é uma memória articulada e rica de relações entre as classes e as populações, as culturas e as etnias. Não existe o tipo italiano “puro”. O que ajudou os italianos a se misturar, a se integrar, mantendo um dos signos distintivos da própria identidade – a coexistência das diversidades e a pluralidade das culturas.

Não quero ser mal interpretada. Esta não pretende ser uma fala para exaltar os italianos e a cultura italiana. Quer ser um estímulo à procura das raízes do ser brasileiro – ajudando também a entender melhor a Itália e os italianos de ontem como de hoje – que sim são diferentes: algumas raízes mais antigas, que não podem ser esquecidas, mas também algumas mais “recentes”, como a italiana, a portuguesa, a alemã, que contribuíram à formação da identidade brasileira. Pertence a uma visão muito limitada – que ultimamente está muito na moda – ir a procura só das raízes indígenas pensando que são as únicas verdadeiras raízes desse país. São importantes e não devem ser esquecidas, pelo contrário, têm de ser consideradas numa relação complexa de raças e identidades que conviveram no Brasil de formas diferentes. Tentar procurar a longa duração da história brasileira. Abrir um diálogo entre o passado e o presente. Parafraseando Braudel: “o que é o Brasil? Mil coisas, mil culturas, mil identidades todas juntas”.

La storia non è altro che una continua serie di interrogativi rivolti al passato in nome dei problemi e delle curiosità

– nonchè delle inquietudini e delle angosce - del presente che ci circonda e ci assedia.<sup>3</sup> (Braudel, 1949)

Fluxos e contrafluxos da Europa às Américas e das Américas à Europa. Navegadores, aventureiros, bandoleiros, comerciantes e depois imigrantes, empresários, turistas....

Aberturas de caminhos, rotas para, trocas, convergências. Confluências entre culturas e identidades que criaram outras culturas e outras identidades... Em uma significação não negativa do termo, os colonizados viraram colizadores e vice-versa. As culturas se hibridam (Canclini, 1997), mas o sujeito é fragmentado em diferentes identidades que convivem.

A condição de homem exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo (...). (Roger Scruton em Hall, 1992).

A identificação nacional é importante e “o homem deve ter uma nacionalidade assim como deve ter uma nariz e duas orelhas” (Gellner, 1983). As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas. A italianidade ou a brasilianidade são o que produzem sentidos, significados, um sistema de representação cultural. As pessoas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e a identidade nacional é uma *comunidade imaginada* (Anderson, 1991).

Como a brasilianidade e a italianidade pode ser distinguidas no Brasil? Quais as percepções da italianidade de um brasileiro de origem e qual a brasilianidade?

Como falei, as perguntas são muitas e continuam surgindo. Precisam de mais espaço e de mais tempo para serem comentadas. Aqui só quis propor algumas reflexões e sugestões de reflexão. Espero ter conseguido.

Um mais amplo e ainda em desenvolvimento estudo das identidades e das relações comunicativas que interligam Portugal, Itália e Brasil, remando a futuros encontros e

publicações. No meu trabalho de pesquisa vou ter que percorrer ainda muitas rotas, conhecer muitas pessoas, ver muitas coisas e ouvir muitas histórias. Estas são as origens do caminho verso uma história global, que possa

nos ajudar a pensar o mundo numa ótica cosmopolita que considera a comunicação como elemento fundamental para a compreensão do *outro*, mas mais ainda, a aceitação do *outro*, do diferente de nós.

**Bibliografia**

«The Economist» (2004). *Il mondo in cifre 2004*, Roma: Internazionale.

**Abruzzese, A. e Scurti, G.** (2001). *L'identità mediale degli italiani*. Venezia: Marsilio.

**Anderson, B.** (1996). *Comunità immaginate*. Origini e fortuna dei nazionalismi. Roma: Manifestolibri. (1ª ed. 1991).

**Asor Rosa, A.** *Oltre i confini del mondo conosciuto*, «La Repubblica», 4-03-2004.

**Baccini, M. e Diagonale, A.** (2002). *Libro bianco. Immagine e identità degli italiani*. Come ci vedono gli stranieri. I dati degli Istituti Italiani di Cultura. Roma: Centro Studi Stampa Romana Francesco De Sanctis.

**Barreto, A.** (org.) (1996), *A situação social em Portugal, 1960-1995*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

**Bassetti P.** (2001). *Globali e locali!* Timori e speranze della seconda modernità, Milano: Giampiero Casagrande Editore.

**Bechelloni G.** (2003). *Diventare cittadini del mondo*. Comunicazione e cosmopolitismo responsabile. Roma-Firenze: Mediascape Edizioni.

**Bechelloni G.** (2003). *Diventare italiani*. Coltivare e comunicare la memoria collettiva. Napoli: Ipermedium libri.

**Bechelloni G.** (2004). *Il silenzio e il rumore*. Destino e fortuna degli italici nel mondo, Roma-Firenze: Mediascape Edizioni.

**Bechelloni, B.** (2001-2002). *Identità portoghese e comunicazione*, Vol. 1. Tesi di laurea della Facoltà di Scienze della comunicazione dell'Università "La Sapienza" di Roma.

**Bechelloni, B.** (2001-2002). *Verso una società della comunicazione?*, Vol. 1. Tesi di laurea della Facoltà di Scienze della comunicazione dell'Università "La Sapienza" di Roma.

**Bevilacqua, P. de Clementi, A. e Franzina E.** (a cura di), (2002). Comitato nazionale «Italia nel mondo», *Storia dell'emigrazione italiana*. Arrivi. Roma: Donzelli Editore.

**Bevilacqua, P. de Clementi, A. e Franzina E.** (a cura di), (2002). Comitato

nazionale «Italia nel mondo», *Storia dell'emigrazione italiana*. Partenze. Roma: Donzelli Editore.

**Braudel, F.** (1980), *Posizioni della storia e Storia e scienze sociali*. La lunga durata. In *Scritti sulla storia*, Milano: Mondadori.

**Braudel, F.** *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Tome 1 e 2. Paris: Armand Colin, 1990. (1ª ed. 1949).

**Buonanno, M.** (2002). *Além da proximidade cultural*. Comunicação do Seminário da Telenovela outubro 2002, São Paulo: USP.

**Canclini, N.G.** (2003). *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP. (1ª ed 1997).

**Clifford, J.** (1999), *Strade*. Torino: Bollati Boringhieri. (1ª ed. 1997).

**Ferin, I.** *A Revolução da Gabriela: o ano 1977 em Portugal*. Biblioteca on line de Ciências da Comunicação (www.bocc.ubi.pt)

Fondazione Giovanni Agnelli (1987). *Euroamericani*. Le popolazione di origine italiana in Brasile, vol. 3, Torino.

**Franzina, E.** (1995). *Gli italiani al nuovo mondo*, Milano: Mondadori.

**Freyre, G.** (2001). *Interpretação do Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras.

**Freyre, G.** (2003). *Casa Grande e Senzala*, São Paulo: Global. (47ª ed.).

**Gellner, E.** (1997), *Nazioni e nazionalismi*. Roma: Editori Riuniti. (1ª ed. 1983)

**Hall S.** (1997). *Identidade e cultura na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. (1ª ed. 1992). *Indice Internazionale* (2003). *Italiens*. Le lettere dall'Italia dei corrispondenti stranieri, Roma.

**Lopes, M. I. V.** (2001). *Por um Paradigma Transdisciplinar do campo da Comunicação*. In: Dowbor, Ladislau et al (orgs.). *Desafios da Comunicação*. Petrópolis: Vozes.

**Lopes, M. I. V.** (2003). *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Loyola.

**Medina, Cremilda** (org.) (1992). *Tchau Itália Ciao Brasil*. São Paulo de Perfil – 12, São Paulo, CJE/ECA/USP.

**Moore, S.** (2000). *Media and Everyday Life in Modern Society*. Edimburg: Edimburg University Press.

**Pecchinenda G.** (1999). *Dell'identità*. Napoli: Ipermedium libri.

**Pozzi, E.** (1999). *Il mondo in italiano*. In “Impresa & Stato”, quaderno della Camera di Commercio di Milano.

**Prado, P.** (2001). *Retrato do Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras.

**Sbolci, A.** (2001). *Amore di terra lontana*. Firenze: Le Lettere.

**Soria, R.** (1997). *Fratelli lontani*. Napoli: Liguori.

**Trupia, P. e Stefani, B.S.** (2003). *L'impresa conviviale*. Milano: Egea. Periódicus

---

<sup>1</sup> Universidades de Roma e de Florença.

<sup>2</sup> “‘Pesquisador’ é quem tenta descobrir e conhecer aquilo que até aquele momento está pouco notado (ou pelo menos deveria)”, tradução minha.

<sup>3</sup> “A História não é nada mais de que uma contínua série de interrogações ao passado em nome dos problemas e das curiosidades – mas também das inquietações e das angústias – do presente que está a nossa volta e que nos cerca”. (tradução minha).